

19 JUN 1996

Caipiras e caiporas

José Paulo Cavalcanti

CORREIO BRAZILENSE

O ameno clima português inspirou o presidente Fernando Henrique a definir-nos como "caipiras". Nada a opor; afinal todos temos mesmo grande empatia por nossa gente do campo.

Esse retorno a Portugal, no mais, evoca uma antiga farsa de Gil Vicente (*Auto da Lusitânia*), onde se conta as diferenças entre um rico conhecido como "Todo Mundo" e um "homem vestido como pobre", conhecido como "Ninguém". Primeiro o rico: "Eu hei nome Todo Mundo/ E meu tempo todo inteiro/ Sempre he buscar dinheiro/ E sempre nisto me fundo". Em seguida, o homem-vestido como pobre: "E eu hei nome Ninguém/ E busco a consciência/ Esta he boa esperança/ Dinato, escreve isto bem". Encerrando, o autor a apresentação dos personagens dizendo: "Que escreverei companheiro?! Que Ninguém busca consciência/ E Todo Mundo dinheiro".

Como as coisas mudaram pouco, desde então, nada impediria que algum poeta de fim de semana se aventurasse agora na continuação dessa trama, em versos que por exemplo dissessem: Pois Ninguém

quer fazer força/ Todo Mundo apoiar/ Um tem renda garantida/ Outro o pão para ganhar/ Todo Mundo é boa vida/ casa, cantiga e comida/ E Ninguém quer trabalhar.

O problema em uma civilização de caipiras é que somos caipiras muito diferentes; alguns poucos parecendo Todo Mundo, a maioria lembrando Ninguém. A partir de nossa renda *per capita* poderíamos até ser divididos: de um lado aqueles a quem sorriu a sorte e o patrimônio; do outro, os condenados pela ausência de oportunidade e por um modelo econômico excludente. De um lado caipiras, de outro caiporas.

Complicado é que essa convivência instável entre brasileiros desi-

guais começa a ser ameaçada pelos baixos teores de nossa democracia econômica. A atitude do indeterminado cidadão comum em relação à impunidade, por exemplo, mostra

que ela é mais forte à medida que nos aproximamos da base da pirâmide social. Motoristas de táxi, barbeiros ou feirantes sonégam e não acham nada demais; mas quem que o banqueiro vá para a cadeia, se deixar de pagar imposto de renda; revelando, mais, que o destinatário da ira não é a sonegação, mas

o sonegador; não é o que se faz, mas sobretudo quem faz.

Em relação aos sem-terra o cenário é o mesmo. Direitos adquiridos (uma expressão ingênua, dado que não há direito que não seja adquiri-

do), ardorosamente defendidos pelas organizações populares, valem para tudo; mas não valem em relação à propriedade. Manter em cárcere privado funcionários públicos está virando tática de reivindicação política. Decisões da justiça são consideradas democráticas apenas quando a favor. Tudo revelando indícios claros de fragmentação que podem ser reproduzidos em muitas outras situações; e mostrando que, no fundo, talvez já estejamos vivendo como que um início de acerto de contas social.

É evidente que o presidente Fernando Henrique não é responsável por nossa tragédia social; que ela vem de longe. Mas quem sabe essa estada portuguesa sirva para lembrá-lo de que nada é mais urgente, neste mundo de Deus, que produzir um país em que todos sejamos caipiras mais ou menos parecidos. Um país em que, aproveitando os personagens de Gil Vicente, não falte trabalho a Ninguém, e em que Todo Mundo trabalhe.

■ José Paulo Cavalcanti é advogado no Recife

A convivência instável entre brasileiros desiguais começa a ser ameaçada pelos baixos teores de nossa democracia econômica.